



A LEITORES E A POSSÍVEIS LEITORES

Haroldo Maranhão

Devo falar-lhes do meu trabalho de escritor. É inconfortável ocupar-se alguém de si próprio e por isso vacilei em integrar-me no projeto Teatro do Texto. Brigamos muito, eu e eu mesmo. Perdi ou ganhei, provavelmente ganhei ao arredar o acanhamento de enfrentá-los, ainda que com as minhas hesitações. Anos atrás, teria sido impossível puxar-me eu até aqui: certamente, me esquivaria atrás de ótima desculpa. Houve e há uma razão forte para este encontro: a possibilidade de minha experiência pessoal valer de alguma forma para um jovem, que comece como eu comecei, a mexer-se devagar num chão de palavras, atizado pela ambição de juntá-las competentemente.

Objetivar a competência é fundamental para um escritor passar a existir tangivelmente ou legivelmente. Essa competência deve ser incessantemente perseguida. Logo é o aprendizado, percurso de teimosos e diários exercícios para lograr-me um parágrafo, reescrever-se o parágrafo, treescrever-se o parágrafo, e resgatá-lo se chegar a ser apenas razoável, com humildade e sem raiva. E de novo começar-se. Há uma segunda condição, que é buscar uma integridade intelectual de ferro: não transigir, não ceder, não se acomodar, não se corromper, não aplaudir o fácil e as desigualdades próprias ou alheias. Competência, probidade e um terceiro alvo para construir-se um escritor digno do título de escritor: a coragem de contestar os gerentes da política cultural; a coragem de denunciar que o asno é substantivo e é adjetivo, o ruim é ruim em qualquer latitude.

O ofício de escritor não são passeios calmos em jardim inglês. Iludem-se com o jardim e com o passeio. Não se brinca de ser bombeiro hidráulico, ou arquiteto, ou engenheiro florestal. Ninguém brinca com essas e outras profissões. Pois a profissão de escritor é um ofício para ser exercido também com severidade e austeridade. No entanto brinca-se de ser escritor. Não sei que diabo há com essa profissão, que se acredita ser deleitosa. Não é deleitosa. Dá trabalhos e trabalhos dolorosos. Escrever dói, deixa a alma batida como um bife, deixa o corpo ofendido, rasga o peito e rasga o coração, e arrasta o operário desse ofício aos mais perigosos e últimos limites, além dos quais, um passo ou dois, já é a loucura: o fim do gato já é o princípio do tigre, escrevi já não me lembro onde. Valerá a pena?

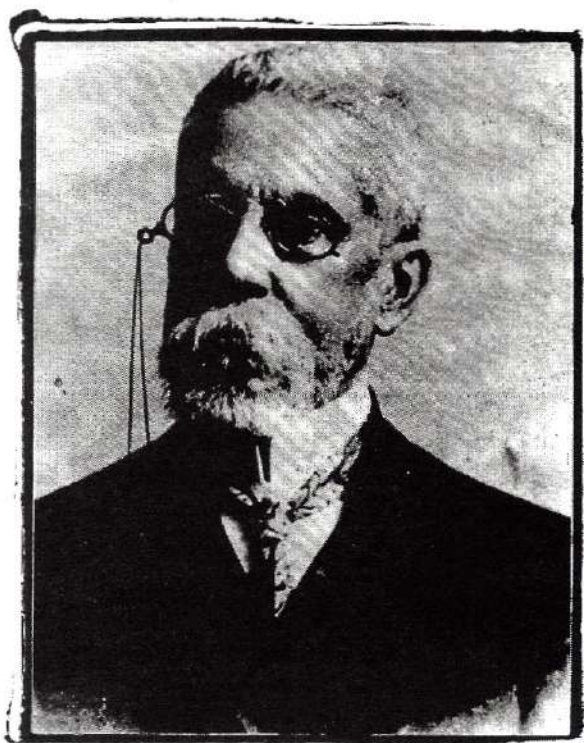
Em 1944, o jornal "O Estado de São Paulo" entrevistou trinta escritores, que constituiriam a nova geração, representativa do Brasil intelectual de então. Mário Neme, o organizador, reuniu as entrevistas em volume, edição da Livraria do Globo de Porto Alegre. Menos de cinquenta anos passados, reduzem-se os trinta escritores a nomes de anônimos. Dois sobreviveram, Paulo Emílio Sales Gomes e Antônio Cândido. Dois. O tempo é cruel e devastador com livros e autores. Daqui a 500 anos, um terá sobrado. Um terá sobrado? Um? Não estarei sendo otimista? Não é normal surgirem-nos de 500 em 500 anos luíses-vazes-de-camões. Eu me refiro evidentemente aos escritores a quem coube o fado e o fardo de escrever em português. Escrever em português é escrever para a sua e para a próxima geração quando se consegue escrever para a sua e para a próxima geração.

Eu sou os meus textos; além deles, nada em mim ou de mim tem qualquer importância.

O que viesse a falar dos livros que escrevi seria impressão superficial, imprecisa, inexacta, a mais pobre e mais equivocada leitura que alguém pudesse formular de um texto. A auto-interpretação do autor não é a melhor interpretação e muito menos normativa. Toda obra tem destino próprio, independentemente das intenções de quem a produziu. O julgamento do criador vale enquanto depoimento sobre o que imaginou fazer, não porém sobre o sentido ou a essência do que fez. Depois, há um dado adicional neste autor que ora depõe. Presumo que terei aprendido a escrever. Depois de cinquenta anos de trabalho, admito haver talvez conseguido uma linguagem livre e deliberada, tensa como um nervo tenso. O que não sei é ler, nunca aprendi, nem a mim mesmo ou principalmente a mim mesmo. Parto da certeza de que mais importante do que a teoria do romance é a leitura do romance, sem despreço em relação aos que teorizam. Sou refratário à abstração teórica, embora reconhecendo e respeitando o valor da teoria. Não é este aliás meu papel, o que não embota ou neutraliza o senso crítico exercido na permanente vigilância contra o esclerosamento da língua, e contra a repetição das formas envelhecidas sem o tônico da renovação.

Sempre quis ser um escritor de ficção e me preparei a vida toda para ser um escritor de ficção. Comecei escrevendo muito mal. Escrevia textos de má qualidade e poemas idem. Jamais cogitei de publicá-los em volume. E teria como editá-los sem dificuldade. Eu morava no andar acima do mais completo parque gráfico de Belém, que pertencia a meu avô. Nem posso dizer que resisti à tentação porque nunca me passou pela cabeça publicar em livro minhas belíssimas porcarias. Só depois de quarenta anos de idade estreei em volume e desconfio que me precipitei.

Li e reli a vida toda meus autores especiais, que me ensinaram a amar a escrita, feita de uma certa textura, um certo corte, uma certa cor. Continuo perseguindo essa cor, que em dadas ocasiões me parece entrever, e que não consigo capturar. Sempre sustentei e sustento este truismo: o escritor deve saber escrever. Saber escrever nada tem a ver com a gramática. A questão não é



“Ambicionei nesse romance uma dentada de lua-cheia: porque me atirei a um perigoso jogo, equilibrando-me em fio de lâmina, buscando imitar a narrativa machadiana, como se Machado de Assis houvesse escrito sobre a própria morte.”

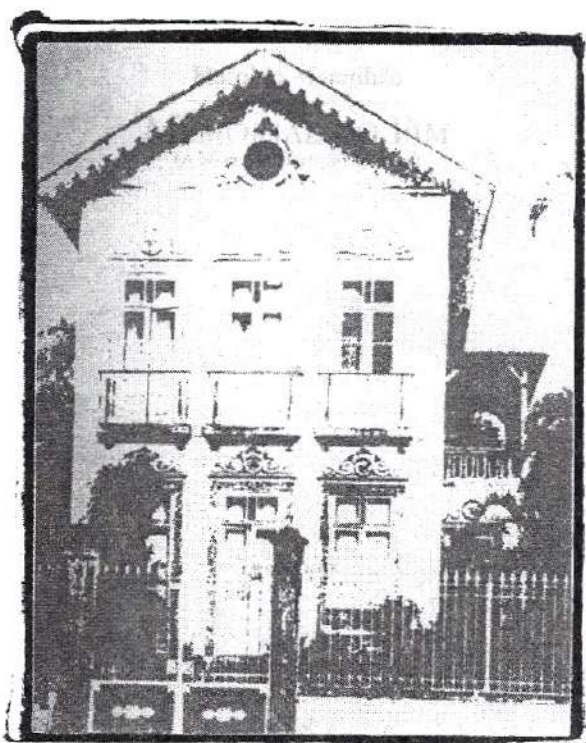
colocar pronomes nos lugares supostamente próprios; é colocar as idéias num texto bem barbeado. É preferível escrever chinês com X do que reeditar clichês. Há que haver um toque leve, um clima de invenção e novidade.

Escrevo um romance a partir ou do título, ou de uma frase, ou da primeira palavra do primeiro capítulo. Escrevo o capítulo inicial e às vezes escrevo o seguinte, se o corpo pede. Nada a ver com inspiração. Inspiração é suar a camisa. E me despeço do texto até o dia seguinte. Como será o Capítulo Dois e como será o Capítulo Três? Não sei. É problema para o dia seguinte. No dia seguinte releio o trabalho da véspera, e vou e frente, explorando até os máximos limites as minhas possibilidades. Todos os dias são dias de recomeçar e lá um dia ponho o ponto final. Acabou? Não acabou. O que acabou foi a primeira versão, a que se seguem outras. Os 103 capítulos de *Cabelos no Coração* foram escritos em 103 dias, o que não significa que tenha ficado pronto em 103 dias.

Há anos, mataram à traição sobrinho meu no interior da Bahia. Não foi crime passionai, e sim capricho de mulher ciumenta e autoritária, filha de fazendeiro de cacau. Gente assim se supõe dona também das outras pessoas. A justiça esqueceu o morto pobre e reverenciou a matadora rica, que andará por aí eliminando os seus machos, como as abelhas. Escrevi um romance desse assassinato e foi péssimo o resultado. Por isso não o publiquei. A única coisa que se salvou foi o título: *O Osso Descarnado*, que acabei mudando para um mais singelo: *Suíte Policial*. Por que esse romance resultou num livro pífio? Porque o autor já conhecia a história, o começo, o meio e o fim.

Me esqueço fácil do que escrevo, depois de publicado. É um defeito ou será uma virtude? Livro editado é livro de que não me lembro mais, ou que recordo escassamente. *Cabelos no Coração*, publicado há um ano exatamente, já está muito distanciado de mim, malmente o distingo na curva da estrada, a muita distância e sem qualquer nitidez.

Agora, convivo boamente com o último romance, *Memorial do Fim*. Reinventei ou recriei a agonia e a morte de Machado de Assis. Instalei-me numa das salas do chulé da Rua Cosme Velho, em que todos os presentes sofriam com o sofrimento calado. Introduzi-me nas conversas cochichadas, ao lado de Euclides da Cunha, de José Veríssimo, do poeta Raimundo Corrêa, de Medeiros e Albuquerque, de Mário de Alencar. E fui além deles, porque me apossei do que o quase morto pensava; e estive no epicentro de uma história de amor, de uma jovem leitora apaixonada pelo romancista quase septuagenário, que se apaixonou também, o amor crepuscular que só acabou quando a vida dele acabou. Claro, observei alguns referenciais biográficos. Ambicionei nesse romance uma dentada na lua-cheia: porque me atirei a um perigoso jogo, equilibrando-me em fio de lâmina, buscando imitar a narrativa machadiana, como se Machado de Assis houvesse escrito sobre a própria morte, insensatez deste



“no lugar de casa, nº 18 de Rua Cosme Velho No delicioso chalé, Machado de Assis viveu os últimos dezoito anos de sua vida. Lá enviuvou, agonizou e morreu. Essa casa é o mínimo teatro onde se dá a ação de *Memorial do Fim* e onde se gestam as lembranças do homem que morria...”

autor aqui, lançando-se ele mesmo noutra espécie de delírio de Brás Cubas. É fora de questão: o estilo do mestre de todos nós é infalsificável. No aceso do meu jogo pessoal, de imitar o inimitável, abandonei o microcomputador e escrevi — à mão — o romance, com o que pretendi impregnar-me do ritmo machadiano, seu andamento, suas vacilações, suas manhas e artimanhas. A narrativa do nosso maior autor adquiriu seu moroso e amoroso ritmo através da escrita plena de clamor. Se Machado de Assis tivesse um computador no Cosme Velho, sua obra teria tomado direção outra e outro ímpeto. O andamento, desejasse ele ou não, teria sido fluente, fluentíssimo, veloz, velocíssimo. Não sei se o Machado informatizado seria melhor ou pior que o outro, o que lemos e amamos. Sensatamente empreguei o lápis. Teria sido mais adequado usar não a caneta-fonte porém a pena e, a dois palmos, o tinteiro, como ele usou, porque há mínima e freqüentes pausas no ato de levar a pena seca ao tinteiro para reabastecê-la de uma gota de tinta para mais duas ou três linhas. Meu retorno ao lápis resultou em duas magníficas tromboses e cheguei a recear que os médicos me alapardassem mais um dedo. Enfim: o romance está aí. Neste momento ele me alimenta. Não escondo que o romancista não consegue reler certo capítulo sem que os olhos brilhem e uma água despenque. Não alicio leitores, nem sinalizo que choro de leitor tenha a ver com a qualidade do texto. Não tem. Pode-se chorar de um folhetim vagabundo.

Há dois meses, regressava de um teatro na companhia de uma amiga. Ela sugeriu para as nossas fomes uma pizza. Desembarcamos na pizzaria que justamente está no lugar da casa nº 18 da Rua Cosme Velho. No delicioso chalé, Machado de Assis viveu os últimos dezoito anos de sua vida. Lá enviuvou, agonizou e morreu. Essa casa é o mínimo teatro onde se dá a ação do *Memorial do Fim* e onde se gestam lembranças do homem que morria, que capturei no ar, naqueles dias e naquelas noites quando lá estive; estive, sim. Demoliram a casa que seria hoje o Museu de Machado de Assis. Um governo burro permitiu que a demolissem.

Finalizando, este vosso escritor agradecido deixa aqui a possibilidade de cumprir-se um sonho dos muitos que tem sonhado na vida: que se ponha abaixo a merda daquela pizzaria e se reconstrua, pedaço por pedaço, a casa de Machado de Assis, com os espaços interiores igualmente restabelecidos, exatamente como foi por fora e por dentro a moradia onde se amaram e envelheceram a portuguesa Carolina Augusta Novais e o homem do povo Joaquim Maria Machado de Assis, que saiu do Morro do Livramento para alcançar as alturas mais elevadas com a sua obra de escritor. Nos dias atuais, a competente engenharia e a sensível arquitetura brasileiras tornariam real este pequeno e grande sonho que pode acontecer, muito caro para os que têm pouco, e muito barato para os que têm até demais. O sonho é bom, é simples e é possível.



Benedito Nunes e Haroldo Maranhão